

Introdução

Em *Encruzilhadas na Construção da Identidade das Mulheres* pretendemos compreender o processo de construção identitária, considerando as transições familiares, entrada na conjugalidade e nascimento do primeiro filho, como lugares de observação do percurso vivido.

Pretende-se compreender os significados e as representações associados ao casamento e à maternidade e identificar os principais impactes¹ provocados na vida quotidiana.

Abordando a vida das mulheres que foram objecto deste estudo, é nossa intenção apontar alguns eixos de mudança que possam perspectivar a transformação do lugar da mulher na sociedade portuguesa.

Esta pesquisa pretende trazer à investigação sociológica um olhar do lado de dentro da vida familiar, através da experiência feminina, contribuindo para evidenciar como os momentos de transição familiar marcam a construção de diferentes perfis identitários.

Esta diversidade de percursos e de perfis identitários enquadra-se numa realidade familiar que não é homogénea, quer em termos sócio-económicos, quer de acordo com os universos culturais de referência, ou ainda em função dos próprios contextos regionais de inserção social. Nesse sentido, quisemos explorar essa diversi-

¹ O recurso ao termo «impacte», em vez de «impacto», tem por objectivo associar a análise às consequências de um evento e não apenas aos resultados que se observam nesse impacto. O *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora) refere esta dupla acepção, identificando impacte como nome, substantivo, associado ao «efeito provocado por algo ou alguém», enquanto impacto é um adjectivo, que representa o choque, o embate.

dade, privilegiando duas regiões portuguesas, com características distintas do ponto de vista demográfico (Açores e Lisboa).

Partimos de uma pergunta: em que medida a vida familiar influencia e marca a identidade feminina em Portugal? Sabendo que as mulheres portuguesas têm sido protagonistas de profundas mudanças, nomeadamente no mercado de emprego e na escolarização/formação, como se relacionam essas transformações com o seu lugar na vida familiar? O mesmo é dizer, em que medida a identidade das mulheres portuguesas está a mudar? Qual o contributo das transições familiares para o processo de construção e de mudança das identidades femininas?

Neste sentido, iremos considerar a *temporalidade*, procurando conhecer e compreender o modo como se constrói o percurso de vida, privilegiando os momentos do início da vida conjugal e do nascimento do primeiro filho, e analisaremos a *identidade feminina*, partindo do modo como as mulheres se posicionam nesses acontecimentos familiares, registando a experiência vivida em cada um deles, nomeadamente através dos impactes sentidos.

À partida, a entrada na conjugalidade ou o nascimento de um filho afectam não apenas a relação da mulher com a casa, com a família, mas também a relação consigo própria. Logo, entender os impactes provocados pelas transições implica aprofundar as diferentes *nuances* que pode assumir a entrada de um *outro significativo* na teia relacional da mulher. Até que ponto ter mais tempo para a família não representa também ter menos tempo para si? Ou passar mais tempo na lida da casa não afecta a importância que se atribui ao trabalho fora de casa?

Ao procurarmos conhecer os percursos vividos, queremos identificar os eixos que explicam a lógica com que se constrói a identidade das mulheres. Para tal, iremos privilegiar o estudo dos *espaços de identificação*, quer para situar e compreender os impactes registados ao longo do percurso, quer para tipificar as configurações identitárias que caracterizam as mulheres no presente.

Adoptamos uma *visão compreensiva da realidade*, o mesmo é dizer, uma leitura do processo de *construção identitária*, partindo do ponto de vista dos actores para explicar as lógicas com que se constroem e se explicam os seus percursos de vida.

Segundo o pensamento de Max Weber, a «compreensão quer dizer apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido» (Weber 1997, 27), logo, a *sociologia compreensiva* «assume

a tarefa de contribuir para a inteligibilidade das relações entre os homens, ou, noutros termos, da interacção social num dado contexto histórico» (Schnapper 2000, 17). As interacções sociais são, neste quadro de pensamento, relações de sentido, ou seja, são factos simultaneamente objectivos e subjectivados pelos actores. A realidade não existe apenas no comportamento exterior dos indivíduos, mas inscreve-se também no modo como estes percebem e representam essa mesma realidade. Assim, o individual e o colectivo não são entendidos como duas dimensões em oposição, mas como «co-produção das partes e do todo» (Corcuff 1997, 20). «O que é necessário é aplicar uma perspectiva dialéctica à orientação teórica das ciências sociais» (Berger e Luckmann 1983, 244), isto é, abordar a dialéctica entre indivíduo-sociedade tal como se aborda a relação entre sociedade e natureza. A compreensão das realidades sociológicas carece dessa integração, a qual permite compreender o sistema social, no seu todo, e a vida quotidiana dos homens e das mulheres que o integram. Este ângulo de análise permite fazer emergir uma nova lógica da vida social baseada nas interacções, ou, se quisermos, na «experiência do outro» (Maffesoli, *Préface à l'oeuvre de Schtuz*, 1987, II).

Como leitura interpretativa, a sociologia *compreensiva* é sempre uma proposta de olhar, situado no tempo e no espaço. Uma interpretação que, ancorada no real, reflecte a própria delimitação analítica do «leitor». O seu resultado mais evidente é a própria tipificação do real, que apenas deve ser entendida como uma proposta de análise, como as que iremos apresentar ao longo da pesquisa (tipologia das alterações, tipologia de percursos e tipologia de mapas identitários). Baseada num conjunto de indicadores que permitem identificar algumas regularidades, uma tipologia não é uma finalidade em si, já que apenas a experiência vivida dos actores pode confirmar, ou não, a sua pertinência sociológica. Do ponto de vista de uma abordagem compreensiva, a tipologia é, sobretudo, «um instrumento de clarificação do real e de inteligibilidade das relações sociais, que consiste em comparar os resultados dos inquéritos com uma ideia abstracta construída pelo investigador em função do seu ponto de vista» (Schnapper 2000, 17). Tipificar comportamentos não significa, portanto, rigidificar o social, mas antes encontrar na diversidade dos fenómenos que nele se observa os elementos «regulares» que o explicam.

Ao orientarmos a investigação no sentido da *compreensão* da *identidade das mulheres portuguesas* em contexto familiar, partimos de alguns pressupostos. Em primeiro lugar, entendemos a *identidade* como um processo de construção. Assim, a escolha de dois momentos do percurso de vida familiar permitir-nos-á observar o modo como a identidade se altera em função de acontecimentos considerados «marcantes».

Em segundo lugar, pressupomos que a *identidade* é sempre a concretização, num determinado momento, do percurso vivido. Logo, ao tipificarmos a estrutura identitária das inquiridas no presente, em função dos espaços de identificação, podemos relacionar estes resultados (*mapas identitários*) com o modo como foram vividos os *percursos de vida* até então.

Finalmente, a leitura do processo de construção identitária partiu do pressuposto de que a identidade pode ser analisada segundo diferentes domínios, aqui denominados *espaços de identificação* – tendo em conta os dois principais eixos que a estruturam e a definem: o *individual*, ou da *identidade para si* (espaços *pessoal e social*), e o *colectivo/social*, ou da *identidade para os outros* (espaços *relacional e doméstico*).

Ao publicarmos esta obra, que decorre da dissertação de doutoramento,² gostaríamos de contribuir para que cientistas sociais ou leitores interessados possam melhor compreender em que medida os *percursos* de vida constroem e condicionam as *identidades*. De forma mais particular, esta obra pretende dar visibilidade à experiência de vida de algumas mulheres portuguesas casadas ou que já viveram em conjugalidade e mães de pelo menos um filho, centrando as suas histórias em dois momentos de *transição familiar*, relacionando esse percurso com os seus *mapas identitários*, ou seja, com os tipos de estrutura identitária.

Ao longo do texto que a seguir se apresenta serão utilizados alguns conceitos estruturantes, palavras-chave que importa aqui referenciar: desde logo, *percurso*, como construção temporal da experiência vivida por cada actor, indivíduo ou grupo; *transição familiar*, lugar de observação desse percurso; *espaço de identificação*, dimensão de análise da estrutura identitária; e *impacte*, efeito provocado pela transição na estrutura identitária.

² Dissertação de doutoramento «Transições familiares e construção da identidade das mulheres», ICS da Universidade de Lisboa, Dezembro de 2003.

Apesar da pesquisa quantitativa efectuada no quadro do *Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo*,³ a presente obra centra-se no olhar qualitativo, que, no âmbito da pesquisa efectuada, representa um aprofundamento da realidade, tendo por base as entrevistas *compreensivas*⁴ realizadas, a experiência vivida da conjugalidade de mulheres com pelo menos um filho que, no momento da entrevista, deveria ter entre 6 e 16 anos. A escolha destes critérios baseou-se no facto de se pretender ouvir uma narrativa retrospectiva sobre estes dois acontecimentos familiares e de a distância no tempo poder ser considerada um factor importante para uma leitura mais racionalizada e objectiva.

A escolha do início da vida conjugal e do nascimento do primeiro filho decorreu da necessidade de comparar dois acontecimentos familiares diferentes, quer em termos dos *outros significativos* (entrada do cônjuge e entrada de um filho), quer em termos das mudanças que daí advêm, em ambos os casos relevantes, mas com consequências de natureza diferentes do ponto de vista das relações de (inter)dependência que delas resultam.

A obra segue o percurso de vida das mulheres. Começa por definir momento marcante para depois definir uma tipologia de percursos de vida com base nos momentos marcantes estudados e analisar o modo como as entrevistadas viveram dois desses momentos: o início da vida conjugal e o nascimento do primeiro filho.

Ao procurar compreender estes dois acontecimentos como momentos de transição, iremos colocar-nos do lado de dentro da vida quotidiana, evidenciando as alterações a nível individual e social que esses momentos provocaram na afirmação das suas identidades.

³ Cf. obra coordenada por Karin Wall, *Famílias no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, ICS, 2005.

⁴ De acordo com a designação de J. C. Kaufmann (1996).